

UMA CERÂMICA MORTUÁRIA TRANSLADADA: DISPUTAS PATRIMONIAIS CONTEMPORÂNEAS ACERCA DA CULTURA MATERIAL ESCAVADA NO CEMITÉRIO REAL DE UR (2100-2000 AEC)

Palavras-Chave: MESOPOTÂMIA, PATRIMÔNIO CULTURAL, IMPERIALISMO

Autores(as):

ANA BEATRIZ MARTINS TARDELI, IFCH – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. CRISTINA MENEGUELLO (orientadora), IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa tem o propósito de analisar a trajetória e as funções de 19 selos-cilindros e outros objetos arqueológicos datados da Terceira Dinastia de Ur (2100-2000 AEC) que foram desenterrados pela equipe de Sir Leonard Woolley no Cemitério Real durante o período das escavações (1922-1934) realizadas no sítio de Tell el-Muqayyar, sul do Iraque. Tais selos encontram-se hoje no Departamento de Antiguidade do Iraque do Museu Britânico, instituição que inclusive patrocinou suas escavações. A partir desses objetos, a pesquisa visa pensar essas questões numa maior aproximação para com a cultura oriental. O Ocidente, divisão e conceito inventados, criou uma imagem preconceituosa e imperialista acerca do Oriente como uma localização constituída de povos inferiores, excêntricos e distantes, que pouco influenciaram e/ou contribuíram para a “grande História” dos povos europeus e seus descendentes (SAID, 1978, p.277).

O fato de os objetos analisados comporem o acervo do Museu Britânico se enquadra na dominação cultural, econômica, social e científica que o Ocidente tentou e tenta manter sobre o resto do planeta. Afinal, a opção por cotejar apagamentos e silenciamentos historiográficos, bem como a possibilidade de tensionamento de chaves analíticas já estabelecidas, está baseada na obra do historiador haitiano Michel-Rolph Trouillot (1995), que propõe uma reflexão sobre os silenciamentos da história desde uma perspectiva etnográfica e política que interpela as narrativas do passado desde pistas sobre o que não é contado. O estudo da Mesopotâmia, (atual Oriente Médio), elucida as contribuições das invenções dos povos que ali viveram para a constituição primária, por exemplo, de uma sociedade urbana e letrada.

METODOLOGIA:

Intentou-se aqui, de maneira específica, rastrear a trajetória dos 19 selos-cilindros da Terceira Dinastia de Ur (2100-2000 AEC), escavados entre 1922-1934 no sítio de Tell el-Muqayyar, sul do Iraque, e depositados no Museu Britânico, além de efetuar um alargamento das fontes através de outros objetos também desenterrados pela equipe de Sir Leonard Woolley no mesmo Cemitério Real focando em suas materialidades, e em como elas foram disputadas arqueologicamente, patrimonialmente e narrativamente.

Para tanto, utilizou-se o “método indiciário”, apresentado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) em *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, como o processo de rastreamento e decifração dos vestígios das fontes ao longo da História no estilo detetivesco de Sherlock Holmes e seus casos criminais (criados por Arthur Conan Doyle).

Ainda em consonância com o “saber venatório”, entende-se que tais objetos possuem uma história posterior, já na contemporaneidade, iniciada com as escavações do Sir. Woolley no início do século XX e que chega até os dias atuais. Porém, agora, eles não são mais assinaturas e/ou canais com poderes protetivos, e sim patrimônios mundiais da humanidade, catalogados, conservados e às vezes expostos, localizados no Departamento de Antiguidade do Iraque do Museu Britânico. Mas, quais são suas funções como patrimônios? Eles são/foram expostos? Onde? Por quem? A partir de qual narrativa? Quais suas relações com a população iraquiana ao longo dos séculos XX e XXI?

Objetivou-se, também, localizar discussões acerca do Imperialismo europeu e estadunidense no Oriente Médio, parte do Sul Global, e suas disputas patrimoniais, com enfoque no colonialismo perpetrado pelo Reino Unido no Iraque e a chamada Guerra ao Terror conduzida ali pelos Estados Unidos da América (EUA). Tal escolha se justifica uma vez que os artefatos encontrados na antiga cidade de Ur foram divididos entre o já mencionado Museu Britânico, o Museu de Arqueologia e Antropologia da Universidade da Pensilvânia e o Museu Nacional do Iraque e tais disputas patrimoniais estão em voga atualmente porque o *United Nations Development Programme* (UNDP), em 2020, lançou o projeto “Sumereen: Sumerian Youth for Economic Development and Cultural Heritage” como parte do programa *Supporting Recovery and Stability in Iraq through Local Development*, financiado pela União Europeia e em parceria com a Província de Thi Qar. O objetivo desse projeto é ajudar no crescimento socioeconômico da região através do ecoturismo e da preservação da cultura material, focando na criação de empregos especialmente para jovens e mulheres iraquianos. Ademais, os arqueólogos da Pensilvânia, agora em 2024, voltaram para Tell el-Muqayyar, sob direção das doutoras Lauren Ristvet e Salam al-Kuntar, para “melhor” conservar o sítio e promover um maior engajamento do mesmo com a comunidade local ou turística.

Deste modo, a pesquisa seguiu a seguinte lógica: por meio da leitura dos relatórios oficiais resumidos das campanhas em Ur - disponíveis no site da Universidade da Pensilvânia, escritos pelos dirigentes da empreitada, a maioria pelo próprio Woolley, e que foram aqui utilizados como fontes secundárias para a compreensão da evolução das escavações e suas questões cotidianas -, será destacada a História da antiga cidade de Ur, o contexto da escavação, os objetos encontrados no Cemitério Real de Ur e catalogados, onde esses patrimônios estão localizados atualmente, e o histórico

de preservação (ou falta dela) do sítio arqueológico de Tell el-Muqayyar até os dias de hoje, com a utilização do monitoramento virtual viabilizado pelos satélites do aplicativo *Google Earth Pro*, especificamente se utilizando da ferramenta do sensoriamento remoto. Tal aplicativo é usado para identificar riscos e monitorar sítios arqueológicos, o que será aplicado no presente trabalho para visualização imagética de Tell el-Muqayyar em qualquer data necessária para o complemento da pesquisa, desde a implantação dos satélites na metade do século XX.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Durante as décadas de 1920 e 1930, período entre-guerras, a Inglaterra estava saindo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e questionando sua suposta superioridade sobre o resto do mundo consolidada durante a era Vitoriana (1837-1901), enquanto o Iraque, e o Oriente Médio como um todo, estava em processo de independência do Império Otomano e formulando suas próprias identidades nacionais, ao mesmo tempo que tentava lutar contra as potências imperialistas europeias (principalmente inglesas e francesas) que buscavam penetrar em uma das áreas mais estratégicas do globo. A disciplina da Arqueologia Oriental começava a desafiar os pressupostos bíblicos nos quais tinha se iniciado, uma vez que estava falhando em responder questões do livro sagrado, e o público estava em constante inserção nos debates políticos com a popularização dos meios de comunicação que estava atingindo as massas em uma escala sem precedentes, como os jornais, as revistas, as rádios, os livros e os seminários, todos com uma grande novidade: a fotografia (MILLERMAN, 2015, p.16).

Os integrantes da escavação de Ur se aproveitaram disso e promoveram a campanha através de uma escrita eloquente com um talento para a publicidade, ganhando inúmeros seguidores e conseguindo o dinheiro necessário para a continuidade da expedição, que estava sendo constantemente ameaçada de interrupção. Com isso, eles foram acumulando críticos que alegavam que a apresentação dos resultados das descobertas era além do que os fatos permitiam observar e anacrônicos.

Ademais, eles também recebiam críticas do aparelho governamental iraquiano, uma vez que a nova Lei de Antiguidade foi aprovada em 1924 e Gertrude Bell, empossada Diretora Honorária das Antiguidades do Ministério das Obras do “novo Reino do Iraque”, anunciou que todas as peças encontradas pertenciam ao seu país e que ela negociaria com os dois museus, agora clientes do Museu Nacional do Iraque, de maneira justa. Assim, as reclamações se estenderam ao público do continente americano, que já se sentia em desvantagem com relação ao europeu podendo apreciar as descobertas em exposições temporárias, e que piorou quando o destino dos objetos se dividiu em três e diminuiu sua participação na barganha. No fim dos doze anos, ambos museus imperialistas contribuíram com metade dos custos, com a diferença que o dólar vinha da própria instituição escavadora, enquanto a libra vinha de doações privadas (MILLERMAN, 2015, pp.141).

Importante ressaltar que durante a invasão militar estadunidense em Bagdá no ano de 2003, o Museu do Iraque foi saqueado e destruído porque não foi feito um esforço de proteção do local pelos invasores, com o desaparecimento de 5000 selos-cilindros de uma coleção que contava com 7000 exemplares. Muitos dos objetos roubados foram recuperados e o Museu do Iraque reabriu em 2015. Em 2010, algumas peças retornaram ao Museu do Iraque pela Holanda e foram usadas para a exibição

“Arcaico” de 2017 para a 57ª Bienal de Veneza (Itália), que explorava a herança artística iraquiana do Neolítico até o presente, com a narrativa de se explorar o quanto a Antiguidade influenciou as artes visuais modernas e contemporâneas, com o argumento de que a frágil realidade sociopolítica do país é tão ‘arcaica’ quanto sua herança. Esses são alguns dos outros aspectos das disputas envolvendo patrimônios mundiais da humanidade.

Como mencionado anteriormente, o tema central, ou seja, as disputas patrimoniais, se insere em um debate mais amplo sobre o conceito e a prática imperialistas no final do século XIX, durante os séculos XX e XXI. Para tanto, é importante destacar que o imperialismo é um fenômeno historicamente datado que, segundo Furno (2022, p.22), constitui a fase superior do capitalismo monopolista e surgiu a partir do seu desenvolvimento entre o fim do século XIX e a crise de 1900-1903, período em que os cartéis passaram a ser a base de toda a vida econômica. É um fenômeno sim eurocentrado, tendo em vista que emergiu em países como a Inglaterra, a França e a Alemanha, mas que fincou seus tentáculos nos quatro cantos do globo terrestre, adquirindo manifestações específicas em cada local, todavia mantendo sua característica chave de dominação (econômica, política, bélica e/ou cultural), sendo, portanto, universal. De maneira bem resumida:

“...não existe, até o momento (e parece não poder existir), um capitalismo separado da expressão política do imperialismo como forma de manutenção de um tipo de desenvolvimento que é combinado - envolvendo países centrais e periféricos em processos cada vez mais integrados de produção e circulação - mas desigual, visto que essa integração produz e reproduz desigualdades;” (FURNO, 2022, p.197).

Dessa forma, o imperialismo se coloca como o inimigo da periferia do sistema capitalista, e os objetos arqueológicos médio-orientais patrimonializados, musealizados e expostos se enquadram como vestígios materiais concretos da dimensão da dominação cultural perpetrada contra esses povos. Eles se emolduram em um museu europeu ou como “exóticos” ou como espólios - marca da dominação. Falar de museu, falar de arqueologia “é falar das profundas disparidades que nascem das desigualdades estruturais entre Norte e Sul global” (VÈRGES, 2022, p.90) a partir do testemunho visual da sua destruição, invasão e/ou pilhamento perpetrado pelos exércitos imperialistas em seus países.

O museu e a arqueologia de excepcionalismo ocidentais são dois dos tentáculos do capitalismo monopolista que se complementam para tentar impedir discursivamente movimentos de soberania e definição da identidade dos povos oprimidos, já que constroem e dispersam imagens e narrativas de mundos com ares universais, porém que servem à sua propaganda de depósito de riqueza de todas as culturas que acaba por justificar suas intervenções no Sul. Por exemplo, a declaração de George W. Bush, no começo dos anos 2000, fundamenta a ocupação do Iraque, a invasão do Afeganistão e a Guerra do Golfo como ação protetora da democracia, da civilização e dos direitos humanos dos “eleitos de Deus”:

“...mais do que objetivos estritamente econômicos relacionados à conquista de campos de petróleo e à abertura de espaços de valorização para os investimentos estadunidenses, tiveram como finalidade a ocupação territorial voltada à expansão do controle político-militar sobre o Oriente Médio”(FURNO, 2022, pp.149-150).

É possível verificar atualmente, em 2025, em tempo real, os mesmos mecanismos belicistas e motivacionais sendo utilizados pelo Estado de Israel no território da Palestina, com indicativos e ameaças de se expandir para o Líbano, Egito e Iraque, já tendo alcançado o Irã, contando, inclusive, com patrocínio estadunidense.

Os patrimônios culturais históricos estão sujeitos às consequências dessas crises inerentes ao sistema econômico vigente. Não somente eles, mas toda a rede complexa de trocas, proximidades e traições, transladadas material e intelectualmente. “A memória cultural, um espaço dinâmico e permanente de narrativas em disputa, pode ser um antídoto para o esquecimento; uma memória que procura um lugar no futuro, em eventos reatualizados para o presente, numa vida além da vida.” (MENEGUELLO, 2022, p. 41).

BIBLIOGRAFIA

Sites:

About This Project. Urima: a Sumereen Initiative, 2021. Disponível em: <https://www.urima.org/about-us/>.

Iraq Museum loans ancient and retrieved artefacts for the first time for the Iraq Pavilion at the 57H Venice Biennale.

Ruya Foundation, 2017. Disponível em: <https://ruyafoundation.org/en/2017/02/venice-announcement-3/>.

Joint Expedition of The British Museum and The University Museum to Mesopotamia. Penn Museum, 2022. Disponível em: <https://www.penn.museum/sites/journal/tag/ur-expedition/>

Mediterranean and Near Eastern Fieldwork at Penn. Penn Arts & Sciences, 2024. Disponível em:

<https://aamw.sas.upenn.edu/research/mediterranean-and-near-eastern-fieldwork-penn>.

Museum of Lost Objects: Looted Sumerian Seal. BBC News, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-35774900>.

The British Museum: Department of Antiquities of Iraq, 2025. Disponível em:

https://www.britishmuseum.org/collection/search?agent=Department%20of%20Antiquities%20of%20Iraq&place=Royal%20Collection%20of%20Antiquities%20of%20Iraq&material_culture=Third%20Dynasty%20of%20Ur&view=grid&sort=object_name_asc&page=1.

Livros:

BOTTÉRO, Jean; MORRISON, Ken (orgs.). **Cultura, Pensamento e Escrita.** São Paulo, Ática, 1995.

FURNO, Juliane. **Imperialismo: uma introdução econômica.** Rio de Janeiro: Da Vinci Livros, 2022.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Tradução Federico Carotti. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MENEGUELLO, Cristina. Introdução e Carne contra pedra. p. 35- 83. In: MENEGUELLO, Cristina; BENTIVOGLIO, Julio.

Corpos e Pedras: Estátuas, Monumentalidade e História. Vitória: Editora Milfontes, 2022.

MILLERMAN, Alison J. **The Spinning of Ur: How Sir Leonard Woolley, James R. Ogden and the British Museum interpreted and represented the past to generate funding for the excavation of Ur in the 1920s and 1930s.** School of Arts, Languages and Cultures. University of Manchester, 2015.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente.** 12ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the past: power and the production of history.** Boston, MA: Beacon Press, 1995.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu – Programa de desordem absoluta.** São Paulo: Ubu Editora, 2023.

WOOLLEY, Leonard Charles. **Les Sumériens.** Paris: Payot, 1930.